

Sofia de Melo Araújo

(Projecto “Utopias Literárias e Pensamento Utópico: a Cultura Portuguesa e a Tradição Intelectual do Ocidente” Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Citação: Sofia de Melo Araújo, "Nota Explicativa a «Viagem a São Saruê», de Manoel Camilo dos Santos", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 4 (2005). ISSN 1645-958X.
<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

“A imaginação social, além de factor regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas.”

Bronislaw Baczko, *Les Imaginaires Sociaux Mémoire et espoirs collectifs*

Espaço, tempo e cultura moldam – mas não toldam – a emoção humana perante uma mesma situação; na verdade, o imaginário da vida sensual sem pecado, competição ou esforço que encontra um espaço literário nas narrativas medievais do País da Cocanha viaja através do tempo e do espaço, ressurgindo em cada alma oprimida pela miséria. O folheto de cordel *Viagem a São Saruê*ⁱ, de Manoel Camilo dos Santos é uma reformulaçãoⁱⁱ desta mesma história no Nordeste brasileiro de 1947. Não estamos perante uma excursão cultural consciente, mas sim fiapos de uma narrativa oral cuja epidérmica naturalidade impede a consciencialização do real percurso histórico experimentado. De facto, o próprio Manoel Camilo dos Santos estranha o interesse gerado por este seu texto, uma “bobagem”ⁱⁱⁱ assente em contos populares da sua infância que redundam na imprecação “Só em São Saruê onde feijão brota sem chovê.”, dito recorrente na expressão quotidiana nordestina. Um pouco à guisa do também folhetista Leandro Gomes de Barros, Camilo assume-se como o libretista das rimas de uma história há muito contada^{iv}.

Esta utopia^v do País da Cocanha, na qual a trindade do corpo social é substituída pela unidade do corpo humano, terreno, físico, pleno de pulsões, desejos e instintos, inspirou não apenas leituras marxistas da Idade Média, mas também uma plêiade de manifestações artísticas: musicais, como “Cockaigne” do britânico Edward Elgar; pictóricas, como a série de quadros de Pieter Brueghel, o Velho; literárias, como o conto “Hansel e Gretel”, dos irmãos Grimm^{vi}, dramáticas, como a apropriação tudo menos abusiva da denominação para o país de doces da animação infantil alemã “Bettina na Cocanha”, para o país da saúde desesperadamente ambicionada para o seu filho pelo personagem de James Byron Dean no filme televisivo de 1951 “The Bells of Cockaigne” ou para o centro comercial das aventuras nocturnas do grupo jovem de “Schlaraffenland”^{vii}, longa-metragem alemã de 2003. A sua chegada ao Brasil assenta numa panóplia de factores cuja pertinência está directamente vinculada à posição intelectual que ocupamos no espectro entre a recusa da leitura histórico-social da literatura de Orlando Fedeli^{viii}, para quem esta redundaria numa “observação superficial do problema utópico” e a sua priorização por autores como Karl Mannheim^{ix}. Pela nossa parte, cremos que, sempre mais além de uma redutora explicação de causa-efeito, extrair artificialmente todo e qualquer texto ao seu contexto de criação constitui a falha suprema de, em nome de uma estética esterilizada, sacrificar o conhecimento real, completo, pleno de matizes, cambiantes e opções. Como tal, é impossível menosprezar os modelos sociais comuns ao feudalismo medieval e ao nordeste brasileiro^x. Mesmo na ausência de uma consciência política estruturada, o espírito humano não fica alheio ao sentimento de injustiça e ao

desejo de alternativa perante a opressão ideológica, económica e cultural^{xi}. O Nordeste brasileiro, terra de “coronéis” e grandes senhores agrícolas, viveu num misto de independência de um poder central incapaz de penetrar a rede feudal das ligações regionais e de forte dependência da terra, ficando, assim, sujeito às vicissitudes do clima.^{xii} É importante notar que falamos de um espaço que em pleno século XXI é ainda objecto de campanhas contra a fome, tais como o Programa Fome Zero do Governo Federal de Luís Inácio Lula da Silva e, como lembra Fátima Vieira, o pensamento utópico “(...) sempre se manifestou de forma particularmente intensa em períodos de crise (...)”^{xiii}. Assim, alinhamos totalmente com Hilário Franco Júnior em que, para compreender São Saruê,

“(...) o ponto de partida deve ser as condições do Nordeste brasileiro, de natureza pouco pródiga, suscetível a prolongadas secas, de riqueza e poder concentrados nas mãos de poucas famílias, dos coronéis da época republicana aos seus antecessores, os sehores do engenho do período colonial. Situação de pobreza e dependência da maioria (...)”^{xiv}

Ora, a compreensão da motivação para a retoma do texto a 800 anos e um continente de distância parecem-nos bem mais frutuosa que o estudo da sua entrada no horizonte brasileiro^{xv}, até porque a idealização de uma terra sensualmente perfeita está longe de ser apanágio do texto medieval^{xvi}, sendo, afinal, uma verbalização instintiva, que surge da carência e do desejo, e que é comum até, no Brasil, à terra encantada dos índios tupinambás, refúgio sem trabalho, violência ou velhice. É, enfim, o sonho da eternidade sem pecado nem castigo, sem dor nem ódio, sem fome nem exaustão. A versão animada do Paraíso Celeste Cristão^{xvii}.

Este folheto de oito a dez páginas (consoante se trate ou não da versão ilustrada), criado em Campina Grande (Pernambuco), constituído por trinta e uma sextilhas e editado pelo próprio autor, na sua Estrela da Poesia, vai beber ao País da Cocanha, não apenas o culto do conforto, do repouso e da saciedade, mas também alguns dispositivos narrativos, tais como a justificação da partida por conselho^{xviii}, de um frade no original francês, do “doutor mestre pensamento” no folheto de cordel, o relato no regresso, que nos traz imediatamente à memória a iluminação de um mundo novo, real, que sempre esteve presente, descrito na tentativa de arrancar os demais à opressão das sombras e dos grilhões do medo (do pecado? do desconhecido? da verdade?), numa espécie de resgatada caverna platónica, e, finalmente, a disposição em verso simples, popular, memorizável, por forma a levar a utopia, o bom lugar, e com eles, a revolta^{xix}, aos iletrados oprimidos que nele reconheceram a possibilidade de vidas alternativas, tudo porque, nas palavras de Ruth Levitas,

“Utopia also entails refusal, the refusal to accept that what is given is enough, the refusal to accept that living beyond the present is delusional, the refusal to take at face value current judgements of the good, or claims that there is no alternative.”^{xx}

No entanto, cumpre realçar uma série de diferenças claras entre o folheto de cordel e o seu texto primordial – para além das adaptações gastronómicas, pois, como nos diz Rosalyn Schorr,

“Perhaps one of the utopian traditions that went through the most changes was the story of ‘Cockaigne’. Cockaigne was an oral tradition passed around the lower classes about a city made of food. (...) The story was evolved into something more fitting for every culture, seeing as people in France were not as excited about fish as they were about cheeses.”^{xxi}

- desde logo a própria classificação dos países, pois, enquanto os autores das diferentes versões da narrativa da Cocanha a denominam como um vulgar topónimo, Camilo recorre sempre à colocação do nome São Saruê entre aspas, como que enfatizando o seu carácter ficcional. Paralelamente, podemos referir que de São Saruê não é indicada qualquer orientação geográfica, ao contrário de o que acontece com algumas versões da Cocanha. A

sexualidade é a área onde as diferenças estão mais marcadas, demonstrando o peso da matriz cristã à qual os resquílios pagãos da Cocanha tentavam resistir^{xxii}. Se na Cocanha “Os jovens monges, ao verem isso,/Levantam-se, alçam vôo/ E logo chegam perto delas./ Cada monge escolhe uma,/ E rapidamente leva a sua presa/ Para a grande abadia cinza/ Onde ensinam às monjas uma oração/ Com pernas para cima e para baixo”^{xxiii} e “ As mulheres dali, tão belas,/ Maduras e jovens,/ Cada qual pega a que lhe convém,/ Sem descontentar ninguém./ Cada um satisfaz seu prazer/ Como quer e por lazer,/ Elas não serão por isso censuradas,/ Serão mesmo muito mais honradas./ E se acontece porventura/ De uma mulher se interessar/ Por um homem,/ Ela o pega no meio da rua/ E ali satisfaz seu desejo/ Assim uns fazem a felicidade dos outros.”^{xxiv} em São Saruê “não se ver [sic] mulher feia/e toda moça é formosa/bem educada e decente/bem trajada e amistosa” (itálicos nossos), e por aqui fica o pudor descritivo do folhetista. A recusa de valores apriorísticos na Cocanha estende-se à recusa da identificação de sabedoria com idade, dado que está ausente de *Viagem a São Saruê*. O texto francês da Cocanha é retombante ao afirmar o erro de associar longas barbas a saber, pois que assim também bodes e cabras deteriam suprema sapiência. O texto de Camilo surge, uma vez mais, no meio termo entre o contestar do modelo social vigente e a obediência a um discurso civilmente aceite. Nesta linha vem igualmente a ausência de referências à consonância ou não deste mundo apresentado com os dítames morais do Cristianismo^{xxv} naquele que era já então o país com o maior número de crentes católicos. Estamos muito longe já dos monges e freiras libertinos da versão inglesa da Cocanha, mas, sobretudo do confronto directo e superação do Paraíso declarado na mesma versão: “Mesmo o Paraíso risonho e atraente,/ Não é tão maravilhoso quanto a Cocanha./ O que existe no Paraíso/ Além de grama, flores e ramos?”^{xxvi}, duma terra abençoada por Deus^{xxvii}, mas não pela religião instituída entre os humanos. O prazer não é mais fonte de vício, mas de virtude: todos são bons, generosos e sinceros. Finalmente, os conselhos insistentes da voz da Cocanha que urge a que quem está bem, não mude, como o fez erroneamente o próprio, não reconhecendo já o caminho de volta, é substituído por um jogo que terá bem mais de subversão literária do que de mero marketing pregoeiro: Camilo promete indicar o caminho para São Saruê aquele que lhe comprar o próprio folheto.

E assim chegamos a um aspecto fundamental na viagem entre Cocanha e São Saruê: o desencanto de séculos de opressão que leva o nordestino a olhar com um sorriso amargo de desistência, ironia e desprezo as fantasias de um destino pleno de prazer, liberdade e vida.

Sugerimos, paralelamente, a leitura dos folhetos de cordel brasileiros:

- : “Viagem de um Trovador”, de Manoel Camilo dos Santos^{xxviii}
- : “Uma Viagem ao Céu”, de Leandro Gomes Barros^{xxix}
- : “O Marco Brasileiro”, de Leandro Gomes de Barros
- : “No País de Tudo Grande”, de Francisco de Souza Campos^{xxx}
- : “O Marco do Meio Mundo”, de João Martins de Athayde

ⁱ In LOPES, José de Ribamar, *Literatura de Cordel – Antologia*, Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1982

ⁱⁱ Note-se que esta ligação do folheto de cordel à cultura e, nomeadamente, à cultura oral não é de todo um factor novo. Aliás, o cordel está longe de viver isolado da chamada alta cultura: “(...) importa menos sublinhar a distinção entre cultura erudita e cultura popular do que referir que folhetos de cordel são delas um interessantíssimo lugar de encontro, que eles se situam com frequência na intersecção dessas duas dimensões da cultura. Porque, na verdade o que é essencialmente popular nos folhetos de cordel é o objecto físico para que remete a designação. Quanto ao conteúdo, poderá dizer-se que nada estava, à partida, arredado(...)” in SILVA, Jorge Miguel Bastos da, *Utopias de Cordel e Textos Afins. Uma Antologia*. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2004, p. 32

ⁱⁱⁱ Qualificativo atribuído pelo próprio autor. cf. LESSA, Orígenes, *A voz dos poetas*, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984. (Literatura Popular em Verso - Estudos - Nova Série, 06)

^{iv} Urge, no entanto, ressaltar a importância deste texto, apesar do seu carácter de literatura menor, popular, pobre, "(...) mas não de leitores(...) mas não de interesse sociopsicológico ou cultural e estético (...)", in SARAIVA, Arnaldo, *Literatura Marginalizada*, Porto:Rocha/Artes Gráfica, 1975, pp. 105-106

^v cf. MORTON, A. L., *The English Utopia*, Lawrence & Wishart, 1978, o primeiro texto a reivindicar o carácter utópico das narrativas do País da Cocanha

^{vi} Com uma perspectiva, no entanto, já rendida à leitura do prazer sensual como tentação pelo mal.

^{vii} Termo alemão para Cocanha.

^{viii} In FEDELI, Orlando, "Conceituação, Causas e Classificação das Utopias", in <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernos&subsecao=religiao&artigo=utopia&lang=bra>

^{ix} cf. MANNHEIM, K., *Ideology and Utopia*, Florida:Harvest Books, 1985

^x "(...) le sentiment qu'éprouvent les individus et les groupes de leur position respective, et les conduits que dicte ce sentiment, ne sont pas immédiatement déterminés par la réalité de leur condition économique, mais par l'image qu'ils s'en font (...)", in DUBY, Georges, *Des Sociétés Médiévales*, Gallimard, 1971, p. 10

^{xi} José Eduardo Reis apresenta como uma das definições possíveis de utopia " the embodiment (...) of a human volition to sublimate the ill-favoured aspects of the given reality (...)", in REIS, José Eduardo, "The Gender of Utopia and the Mode of Utopianism", in Vieira, Fátima e Jorge Miguel Bastos da Silva (org.), *Cadernos de Literatura Comparada 6/7*, Porto: Granito, 2002, p. 10

^{xii} "No Nordeste brasileiro a incidência de uma seca vem sempre acompanhada de graves consequências para as populações residentes nas áreas afetadas. Fome, sede e miséria estão irremediavelmente atreladas à escassez de chuvas no semi-árido nordestino.", in GALVÃO, Ana Catarina, "Seca, tragédia surrealista previsível", in <http://amhost.amcham.com.br/nordeste/ago98/tragedia.html>

^{xiii} VIEIRA, Fátima, "O Utopismo e a Crise da Contemporaneidade", in Vieira, Fátima e Maria Teresa Castilho (org.), *Estilhaços de Sonhos Espaços de Utopia*, Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2004, p. 35

^{xiv} In FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998, p. 222

^{xv} Possivelmente via francesa, ou, mais provavelmente, holandesa, uma vez que a Cocanha conhece versões nos Países Baixos desde o século XV e em Portugal apenas no século XIX, possibilidade fortalecida pela ocupação holandesa do Nordeste brasileiro durante o século XVII. Para aprofundar esta problemática, cf FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998

^{xvi} "A utopia está ancorada no coração da Humanidade. Vive no homem comum e habita a massas deserdadas de tudo, salvo da esperança, tal como fascina o homem que tudo tem excepto o inatingível ideal(...) a convicção, não provada, de que há mais mundos para lá daquele acessível e mundos melhores para a felicidade do homem.", in BESSA, António Marques Bessa, *Utopia, Uma Visão da Engenharia De Sonhos*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1998, p. 11

^{xvii} De notar que à época da escrita original deste texto, o trabalho, castigo atribuído em função do pecado original, ainda não é totalmente associado à noção de virtude: "Não se deve esquecer, no entanto, que nos mosteiros o trabalho continua a ser consirado, em parte, como penitência (...) Portanto, naquela época, não podia considerar-se o trabalho como uma tarefa que enobrecesse a vida.", in HAUSER, Arnold, *História Social da Arte e da Cultura Volume II A Idade Média*, Estarreja:Editorial Vega e Estante Editora, 1989, pp. 85/86

^{xviii} Poderemos assinalar aqui alguma cedência à necessidade de justificação da juventude da voz autoral, mas mais marcante será, na nossa opinião, o recurso a uma figura clerical num texto de passagens claramente contrárias à moral de abnegação pregada então pelo Cristianismo. Não há, assim, um corte com a mensagem religiosa de Jesus Cristo, mas sim com leituras dela feitas.

^{xix} "The relation between the illusory and the real is extremely intimate in utopia as well as in the accounts of the voyages of discovery. The imaginary organizes the real experience, while this later serves as a base for nner elaborations: the boundaries between real and illusory are, thus, indefinite.", in BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas, "Brief Notes on Utopia, Dystopia and History", in Vieira, Fátima e Marinela Freitas (ed.), *Utopia Matters Theory, Politics, Literature and the Arts*, Porto:Editora UP, 2005, p. 102

^{xx} in LEVITAS, Ruth, "Utopia Matters?", in Vieira, Fátima e Marinela Freitas (ed.), *Utopia Matters Theory, Politics, Literature and the Arts*, Porto:Editora UP, 2005, p. 42

^{xxi} in SCHORR, Rosalyn, "The Story of Evolution as a Utopia and the Evolution of the Story of Utopia", in http://serendip.brynmawr.edu/sci_cult/evolit/s04/web2/rschorr.html

^{xxii} "O impulso folclórico marcou o século XII como uma reacção da cultura laica contra a hegemonia dos padrões clericais. De certo modo, ainda marcada por elementos pagãos, a cultura folclórica teria feito reviver ou dado novo ânimo a materiais pré-cristãos.", in DEUS, Paulo Soares, "Paraísos Medievais – esboço para uma tipologia dos lugares de recompensa dos justos no final da Idade Média", in *Mirabilia 4*, dezembro 2004, ISSN 1676-5818, www.revistamirabilia.com

^{xxiii} “The yung monkes, that hi seeth./ Hi doth ham up, and forh hi fleeth/ And commith to the nunnes anon, And ech onke him taketh on/ And snellich berrith forth har prei/ To the mochil grei abbei/ And tehith the nunnes an oreisun/ With jumblevé up and dun.” Versão inglesa, “The Land of Cockaigne”, in FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998, p. 171

^{xxiv} “Les fames i par sont tant beles./ Les dames et les damoiseles/ Prent chascuns qui afere en a./ Ja nus ne ne s'en coroucera, et si en fet a son plesir/ Tant comme il veut et par loisir / Ja por ce n'en seront blasmees/ Ainz en sont mout plus honorees./ Et s'il avient par aventure/ C'une dame mete sa cure/ A.j. homme que ele voie./ Ele le pent en mi la voie/ Et si en fait sa volonté./ Ainsi fet l'uns l'autre bonté.” Versão francesa, “De Cockaigne”, in FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998, pp. 31-2

^{xxv} Afinal, muito há em comum entre o Éden bíblico, o País da Cocanha e outras utopias da falicidade, tais como a Idade do Ouro, de Hesíodo: “A Idade do Ouro e o pensamento utópico mais não são do que o sonho de um mundo e de uma vida melhor, mais humana, onde imperem a felicidade, a saúde, a calma, a ausência de rivalidades, os alimentos que brotam sem cultura, a harmonia entre animais e homens e entre estes e a divindade.”, in FERREIRA, Ana Maria, “Breves Reflexões sobre a Idade do Ouro em Hesíodo”, in Vieira, Fátima e Maria Teresa Castilho (org.), *Estilhaços de Sonhos Espaços de Utopia*, Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2004, p. 184

^{xxvi} “Thogh paradis be miri and bright./ Cokaygn is of fairir sight./ What is ther in paradis/ Boot grass and flure and grene ris?” Versão inglesa, “The Land of Cockaigne”, in FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998, p. 166

^{xxvii} “God it wote” (Deus sabe), “The Land of Cockaigne”, in FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998, p. 167; “Man mai ther-of et inough./ At with right and noght with wogh” (Ali todos podem se saciar/ Sem pecar.), idem, p. 168; “That ye mote that lond i-se/And never more turne awé./ Prey we God, so mote hit be./Amem, pur Seit Charité.”, idem, p. 172; “Li granz sens que Diex m'a done”, Versão francesa, “De Cockaigne”, in FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998, p. 28; “Je cuit que Diex et tuit si saint/ L'ont miex beneie et sacree/ Que il n'ont une autre contree.”, idem; “Menjue [on] ce qu Diex li done”, idem, p.31.

^{xxviii} Disponível na Biblioteca Central Blanche Knopf da Fundação Joaquim Nabuco, cota FC- 888

^{xxix} Idem, cota FC-889

^{xxx} Ibidem, cota FC-591

Referências Bibliográficas

- BACZKO, Bronislaw, *Les imaginaires sociaux.Mémoire et espoirs Collectifs*, Paris:Payot, 1984
- BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas, “Brief Notes on Utopia, Dystopia and History”, in Vieira, Fátima e Marinela Freitas (ed.), *Utopia Matters Theory, Politics, Literature and the Arts*, Porto:Editora UP, 2005, pp. 101-105
- BESSA, António Marques Bessa, *Utopia, Uma Visão da Engenharia De Sonhos*, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1998
- DEUS, Paulo Soares, “Paraísos Medievais – esboço para uma tipologia dos lugares de recompensa dos justos no final da Idade Média”, in *Mirabilia* 4, dezembro 2004, ISSN 1676-5818, www.revistamirabilia.com
- DUBY, Georges, *Des Sociétés Médiévales*, Gallimard, 1971
- FEDELI, Orlando, “Conceituação, Causas e Classificação das Utopias”, in <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernos&subsecao=religiao&artigo=utopia&lang=bra>
- FERREIRA, Ana Maria, “Breves Reflexões sobre a Idade do Ouro em Hesíodo”, in Vieira, Fátima e Maria Teresa Castilho (org.), *Estilhaços de Sonhos Espaços de Utopia*, Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2004, pp. 172-186
- FRANCO Júnior, Hilário, *Cocanha a História de um País Imaginário*, São Paulo:Companhia das Letras, 1998
- GALVÃO, Ana Catarina, “Seca, tragédia surrealista previsível”, in <http://amhost.amcham.com.br/nordeste/ago98/tragedia.html>
- HAUSER, Arnold, *História Social da Arte e da Cultura Volume II A Idade Média*, Estarreja:Editorial Vega e Estante Editora, 1989
- LESSA, Orígenes, *A Voz dos Poetas*, Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1984

-
- LEVITAS, Ruth, "Utopia Matters?", in Vieira, Fátima e Marinela Freitas (ed.), *Utopia Matters Theory, Politics, Literature and the Arts*, Porto: Editora UP, 2005, pp. 41-45
- LOPES, José de Ribamar, *Literatura de Cordel – Antologia*, Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1982
- MANNHEIM, Karl, *Ideology and Utopia*, Florida: Harvest Books, 1985
- MORTON, A. L., *The English Utopia*, Lawrence & Wishart, 1978
- REIS, José Eduardo, "The Gender of Utopia and the Mode of Utopianism", in Vieira, Fátima e Jorge Miguel Bastos da Silva (org.), *Cadernos de Literatura Comparada 6/7*, Porto: Granito, 2002, pp. 9-30
- SARAIVA, Arnaldo, *Literatura Marginalizada*, Porto: Rocha/Artes Gráfica, 1975
- SCHORR, Rosalyn, "The Story of Evolution as a Utopia and the Evolution of the Story of Utopia", in http://serendip.brynmawr.edu/sci_cult/evolit/s04/web2/rschorr.html
- SILVA, Jorge Miguel Bastos da, *Utopias de Cordel e Textos Afins. Uma Antologia*. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2004
- VIEIRA, Fátima, "O Utopismo e a Crise da Contemporaneidade", in Vieira, Fátima e Maria Teresa Castilho (org.), *Estilhaços de Sonhos Espaços de Utopia*, Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições, 2004, pp. 32-47